

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

- Machado, D. (2004), Educação Ambiental – O Ecoturismo e os seus Impactos. Consultado a 31 dezembro, 2014 do Etur, Web site: <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=2644>
- Marques, C., Reis, E., & Menezes, J. (2010). Profiling the segments of visitors to Portuguese protected áreas. *Journal of Sustainable Tourism*.
- Moniz, A. (2006), A Sustentabilidade do Turismo em Ilhas de Pequena Dimensão: O Caso dos Açores. Tese de mestrado não-publicada, Universidade dos Açores, Ponte Delgada, Portugal.
- Município de Peniche, (2012). Consultado em 25-05-2012, no Portal: <http://www.cm-peniche.pt/>
- Oliveira, C. (2013), Caracterização do mercado de actividades de Turismo de Natureza em Portugal. Tese de mestrado não-publicada, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Pegas, F & Castley, J. (2014), Ecotourism as a conservation tool and its adoption by private protected areas in Brazil. *Journal of Sustainable Tourism*.
- Pires, P. (2002), Dimensões do Turismo. São Paulo: Senac 19
- Ruschmann, D. (1997), Turismo e Planejamento Sustentável – A Proteção do Meio Ambiente. 14ª Edição. São Paulo: Papyrus Editora
- Tershy, B., Donlan, C., Keitt, B., Croll, D., Sanchez, J., Wood, B., et.al. (1999) Island conservation in north-west Mexico: a conservation model integrating research, education and exotic mammal eradication. London, UK: IUNC Publication Services Unit.
- Weaver, D. (2001). The Encyclopedia of ecotourism. Oxon. UK: Cabi Publishing
- Whitelaw, P., King, B., & Tolkach, D. (2013). Protected areas, conservation and tourism – financing the sustainable dream. *Journal of Sustainable Tourism*.
- World Tourism Organization - Sustainable Development of Tourism. Consultado a 06 de janeiro de 2015 do UNWTO Archive web site: <http://sdt.unwto.org/content/about-us-5>

24. SURF: ROYAL SPORT FOR THE NATURAL KINGS OF EARTH - UMA PERSPETIVA HISTÓRICA.

Nunes, JM₁, Mendes, S₂, Jorge, JP₁

¹Grupo de Investigação em Turismo (GITUR), Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM), Instituto Politécnico de Leiria (IPL), 2520-641 Peniche, Portugal; ²Grupo de Investigação em Recursos Marinhos (GIRM), Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM), Instituto Politécnico de Leiria (IPL), 2520-641 Peniche, Portugal

DOI: 10.13140/RG.2.1.4829.0806

2015

ABSTRACT :In recent years, surf has reached such proportions in terms of media coverage and importance in the Portuguese economy such a way that even attracted the government's attention to the phenomenon. This attention was reflected in national strategic documents of the economy of the sea, through the surf tourism.

The produced texts are of each author responsibility.

Os textos são da responsabilidade de cada autor.

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

Nowadays Portugal is mentioned as one of the countries with the highest tourist demand for surfing, which is reflected in the increasing availability of products relating to this activity, including hostels, surfcamps and surfschools, among others.

As a first introduction we refer to the origin of the word surf, as well as their differentiation relative to the term surfing, some of the modalities that are practiced in the waves, chronologically followed by their origin, history, social issues and decline, with the connection to surf tourism at the beginning of the 20th century proving to be extremely important to your success and rebirth, while economic activity and subsequent development. In the end, globalization, finishing with its arrival in Portugal.

Palavras-passe: surf, surfing, história, turismo

INTRODUÇÃO

A palavra surf, está definida no dicionário da língua inglesa como a linha da espuma, resultante da onda em rebentação.

The term surf in literature usually refers to the breaking waves on shore and on reefs when accompanied by a roaring noise caused by the larger waves breaking. (SWCES, s.d.)

Crê-se que a origem do termo derive da palavra indiana *suffe* (Harper, 2001), utilizada com o sentido de linha de costa, tendo sido adotada pelos navegadores portugueses no séc. XVII (HM, 2014; SIAdmin, s.d.), até entrar no vocabulário inglês com o significado que acima se transcreveu.

O dicionário de língua portuguesa define surf do seguinte modo:

Desporto náutico que consiste em acompanhar o rebentar das ondas mantendo-se em equilíbrio sobre uma prancha. (Do inglês surf, «rebentação») (Porto, s.d. a)

Existem outras definições, mais ou menos técnicas sobre o que realmente é o surf, como por exemplo:

Acto de deslizar sobre as ondas. (Silva & Ramos, 2004)

É curioso salientar que esta última definição já não faz referência a qualquer tipo de acessório, pois existem diferentes formas de deslizar nas ondas, em função das pranchas e dos seus diferentes tipos, e até mesmo sem prancha. Assim, como nos diz Moreira (2008), as principais vertentes são: *body surfing*, praticado sem prancha; *bodyboarding*, praticado deitado na prancha; *kneedboarding*, de joelhos na prancha; *longboarding*, em pranchas grandes e em pé; *shortboarding*, em pranchas pequenas e em pé,

sendo praticamente consensual a utilização de todos estes termos, exceção feita ao *shortboarding*, que por norma é designado por surf.

Todas estas modalidades são praticadas na mesma zona da onda, e o surf ou *shortboarding* é uma delas, então:

Surfing é a modalidade onde se viaja na onda, deslizando na parede em direcção à praia. (Moreira, 2008)

É no entanto comumente aceite a utilização do termo surf, não como uma das várias disciplinas do acto de deslizar nas ondas, mas como designação da própria modalidade.

Segundo Warshaw (1997), “surfing isn’t easily categorized. It is based in sport, but can drift into art, vocation and avocation, even religion”, e na mesma linha, Moriarity e Gallanher (2001) afirmam: “it’s an art by the way you express yourself on a wave. It’s a

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

sport because you compete with it, and it's spiritual because it's just you and Mother Nature.” (in Taylor, 2007)

PRÉ-HISTÓRIA DO SURF

Apesar da origem do surf não seguir uma ordem cronológica definida, acredita-se que esta modalidade teve o seu desenvolvimento em três locais distintos: Peru, Polinésia Francesa e Havai (Souza, 2004).

Nat Young, campeão do mundo de surf em 1966, terá sido dos primeiros a sugerir na sua obra *The History Of Surfing*, que os homens deslizam nas ondas desde o princípio da humanidade, baseando-se na necessidade natural de adaptação ao meio.

The first surfers were probably ‘unconscious’ surfers: Island fishermen who used waves as the fastest means of getting their canoes over the coral reefs and back to the beach with their catch. (Young, 1998)

A colonização dos povos da Polinésia, mais concretamente nas Ilhas Marquesas, poderá ter acontecido anteriormente à colonização espanhola, pelos Incas que viviam no Peru, e que através da corrente marítima de Humboldt teriam chegado à Polinésia Francesa em embarcações contruídas de junco, denominadas de “totora” (Heyerdahl, 1996). Sabe-se que os povos ameríndios Mochicas e Chimus (Séc. II A.C. a 750 D.C. e 1000 a 1470 D.C respetivamente), utilizavam estas pequenas embarcações chamadas de caballitos de totora, onde os pescadores ao retornarem da pesca surfavam as ondas até chegar à praia, sendo consideradas as antecessoras das pranchas de surf havaianas:

Los Chimus, y antes los Mochicas, hicieron unos pequeños barcos de totora, generalmente individuales, para pescar. Son llamados “caballitos de totora” por la manera como el pescador “se monta” para navegar. Ellos sobreviven hasta hoy. En los medios deportivos de la actualidad que practican “surf” se considera al “caballito” como el inmediato predecesor de las antiguas, grandes y pesadas tablas usadas por los nativos de Hawai que iniciaron ese deporte. (Zevallos, 1999)

Segundo Souza (2004), “os primeiros a chegar ao Havai teriam sido os habitantes das Ilhas Marquesas, na Polinésia. Eles praticavam a arte do paipo: descer numa onda deitado sobre uma pequena prancha arredondada”, para depois, “numa segunda leva, bem posterior, os taitianos também chegaram ao arquipélago, trazendo o hábito de ficarem em pé em cima de uma prancha...”

Kampion, na sua obra *Uma História da Cultura do Surf*, afirma que por volta do ano 400 DC, um grupo de polinésios provenientes do Tahiti chegou ao Havai. Uma viagem oceânica de milhares de quilómetros, quase mil anos antes das grandes navegações europeias.

O surf, praticado em pranchas de madeira, e não em canoas, terá surgido há cerca de mil anos (Butts, 2001), quando habitantes do sudoeste da Ásia começaram a estabelecer contacto com o mar, e se dirigiram em direção às ilhas que pontificam no sul do Oceano Pacífico (Finney & Houston, 1996), ou seja, o surf tal como o conhecemos hoje, terá surgido por volta do século XI, sendo uma invenção Polinésia, com o seu desenvolvimento nas Ilhas Havaianas (Warshaw, 2010).

Apesar de não descartar a ideia do surf ter sido praticado por tribos primitivas, onde hoje se situa o Peru e regiões da África, como Senegal e Gana (Finney & Houston, 1996), os

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

primeiros povos a praticá-lo com maior intensidade teriam sido as sociedades tribais localizadas no Pacífico Sul, conhecidas pelos europeus como polinésias, que incorporaram esta prática com um forte significado sócio religioso (Lueras, 1984).

Os primeiros relatos escritos do contacto do Homem Ocidental com o que agora chamamos de surf é-nos fornecido pelos diários da expedição do Capitão da Marinha Real Britânica, James Cook, que ao comando da frota constituída pelos navios, Resolution e Discovery, aportou nas Ilhas Havaianas em 18 de Janeiro de 1778, mais precisamente a O'ahu (Kampion & Brown, 1998). Não fora no entanto, esta a primeira vez que James Cook se deparava com a visão de alguém a fazer surf, pois no ano anterior, no Tahiti, vira várias vezes um ilhéu a fazê-lo com uma canoa (Kampion & Brown, 1998). Descreveu-o assim no seu diário de bordo:

I could not help concluding that this man felt the most supreme pleasure while he was driven on so fast and so smoothly by the sea (...) During my stay, two or three of the natives came up, who seemed to share his felicity, and always called out when there was an appearance of a favourable swell (...) (Cook & King, 1784)

Após a sua morte, em 14 de Fevereiro de 1779, assassinado por um grupo de nativos, na Baía de Kealakekua, é o Primeiro-Tenente James King que completa os diários, e descreve assim o que observou:

(...) twenty or thirty of the natives, taking each a long narrow board, rounded at the ends, set out together from shore. The first wave they meet, they plunge under, and suffering to roll over them, rise again beyond it, and make the best of their way by swimming out to sea. The second wave is encountered in the same manner with the first (...) As soon as they have gained, by these repeated efforts, the smooth water beyond the surf, they lay themselves at length upon their boards, and prepare for their return. As the surf consists of a number of waves, of which every third is remarked to be always larger than the others, and to flow higher on the shore, the rest breaking in the immediate space, their first object is to place themselves on the summit of the largest surge, by which they are driven along with amazing rapidity toward the shore. (Cook & King, 1784)

Os taitianos, e posteriormente os havaianos incorporam o surf na sua estrutura social e religiosa, através de cultos e atividades sociais baseadas nas forças marítimas da natureza (Finney & Houston, 1996), praticando o He'enalu, que no dialeto moderno havaiano, significa algo como "fazer surf ou cavalgar na onda" (Pukui & Elbert, 1986), sendo no entanto esta prática muito mais ativa no Havai do que no Tahiti (Finney & Houston, 1996).

O He'enalu era considerado pelos missionários, nos seus relatos, como um passatempo nacional no Havai (Finney & Houston, 1996), sendo praticado na maioria das ilhas do arquipélago, onde existiam numerosas comunidades de surf (Holt, 2012). Os nativos praticavam-no com muita intensidade, largando tudo o que faziam quando sentiam boas ondas a aproximarem-se com as marés (Finney & Houston, 1996).

The universality of surfing in Hawaiian life, being practiced by men, women, and children, chiefs and commoners, further confirms the status of surfing as a Hawaiian national sport. (Finney, 1959)

O povo havaiano estava profundamente ligado ao surf e à energia poderosa do oceano que o rodeava (Kampion & Brown, 1998), assumindo este uma importância tal, que funcionava inclusivamente no seio das sociedades tribais do arquipélago como um

The produced texts are of each author responsibility.

Os textos são da responsabilidade de cada autor.

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

diferenciador de classes, onde o tipo de pranchas que cada uma delas poderia utilizar as distinguia.

Esta afinidade com as ondas diferenciava-os dos restantes povos da Oceânia onde também se praticava surf, exceção feita ao Tahiti, ao evoluírem a sua técnica de surf, de simplesmente deitados de bruços,

para a posição de pé sobre a prancha. (Finney, 1959), o que se viria também a refletir na forma das próprias pranchas, tanto ao nível do tamanho e espessura, bem como nas madeiras usadas, nomeadamente no que concerne à sua flutuabilidade.

A construção de pranchas de surf foi uma parte importante da cultura inicial do surf, pois encerrava em si mais do que apenas a sua construção, acompanhando-a rituais específicos de grande significado mitológico, até à altura de cumprirem a sua função no mar. (Kampion & Brown, 1998)

When the board maker had selected a suitable tree, he placed a red fish (kumu) in its trunk and then felled it with his stone adze. He then dug a hole in the remaining roots and put the fish in it, with a prayer, as an offering in return for the tree. Then he cut the tree down to a rough plank, which he later finished in a canoe house (halau) or some other suitable structure near the shore. Before the board could be used it had to be properly dedicated with another ritual. (Finney, 1959)

Como em cima já foi referido, era também através do he'enalu que se acentuavam as diferenças sociais, e nesse sentido os chefes e os seus familiares, tinham direito aos melhores locais das praias para o praticar. As ondas surfadas por estes, eram proibidas de serem compartilhadas, e quem o fizesse era condenado à morte. Ainda na componente social, o he'enalu assumia um papel importante nas relações conjugais entre os havaianos, pois ambos os sexos o praticavam. A exibição corporal em cima de uma prancha era uma das maneiras de demonstrar interesse num parceiro. Quem o fizesse com mais habilidade ou conseguisse surfar na mesma onda que o seu parceiro até à praia, muitas vezes era recompensado nos seus intentos. (Finney, 1959)

...when a man and woman rode in on the same wave sexual indulgence often followed. Surfing was also a means of more formal courtship... (Finney, 1959)

A prática do he'enalu, e a competição a ele associada, através de intensos torneios, era generalizada, e todos aqueles que possuíam algum tipo de bens, os apostavam, em alguns casos, até a sua própria liberdade e a da sua família, o que em caso de derrota significava tornarem-se escravos do surfista vencedor. Apesar de todos os homens havaianos se desafiarem, os principais torneios eram realizados entre chefes tribais (ali'i), pois para além das consequências materiais do resultado final, com ganhos e perdas, era de grande importância o reconhecimento como sendo um grande surfista. (Finney, 1959)

The chiefs (ali'i), who prided themselves on their ability in sports, were specifically noted for their prowess in surfing. (Finney, 1959)

Nestes torneios, os confrontos eram entre dois surfistas, que remavam com as suas pranchas até à zona de rebentação. Assim que uma onda grande aparecia, apanhavam-na, sendo o vencedor daquela onda, aquele que tivesse habilidade suficiente para se desviar dos corais e rochas, chegando à praia em primeiro lugar. A vitória final seria declarada depois de várias ondas terem sido feitas. (Finney, 1959)

Com a chegada do Homem branco, a população nativa foi praticamente dizimada, e no final do séc. XIX o povo havaiano era já minoritário no arquipélago, passando de uma

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

população de cerca de 400.000 pessoas em 1778, aquando da chegada de Cook, para apenas 40.000 em 1890. (Kampion & Brown, 1998)

Com a deposição da monarquia havaiana, que pretendia tornar o Havai num reino independente (Finney & Houston, 1996), a velha ordem desmoronou-se, o cristianismo florescia, a cultura havaiana sofria uma reviravolta e desintegrava-se. (Kampion & Brown, 1998)

Com os seus elementos reguladores a serem severamente afetados e substituídos pelos ideais republicanos europeus, o he'enalu não foi exceção. Associado que estava ao nudismo e à sexualidade, sofreu forte oposição por parte dos missionários, que quase levaram a sua prática à extinção.

Se não fossem alguns pequenos enclaves e praticantes isolados, o surf teria desaparecido durante o século XIX. (Kampion & Brown, 1998)

Em meados do séc. XIX ficou reduzido a uma curiosidade ocasional, com exceção de alguns lugares em O'ahu, Kauai e possivelmente Maui, tornando-se uma visão rara nas ilhas havaianas, até mesmo na costa de Kona, onde tinha sido anteriormente tão popular. (Finney, 1960)

The surfers themselves were few in number; at Waikiki only a hand-ful could be seen in the water at any one time. And riding techniques seemed to have regressed. Many of these surfers rode straight-off instead of angling across the wave. No longer were there the "difficult and dangerous maneuvers" that Lieutenant King had found altogether astonishing and hard to believe. (Finney & Houston, 1996)

RENASCIMENTO E EVOLUÇÃO DO SURF

Há relatos, que por volta de 1860, em Hilo, um dos últimos redutos do desporto na ilha do Havai, ainda se podia ver esse grande espetáculo, pois alguns havaianos da nova geração tinham aprendido a fazer surf. (Finney, 1960)

Em 1890 com a saída dos missionários do Havai, o surf começa a ter novamente espaço, iniciando-se então um período de recuperação e desenvolvimento (Warshaw, 2010). De salientar que tal período coincide com a altura em que o Havai perde a sua soberania (1893) e é anexado aos Estados Unidos da América (1898). (USHistory.org, 2014)

Com cerca de um quarto dos havaianos sobreviventes a residirem em Honolulu, na Ilha de O'ahu, a praia de Waikiki era local de reunião de alguns surfistas locais. Com a sua exuberante cultura e excelente clima, o Havai ganha fama, nomeadamente a praia de Waikiki, tornando-se um dos principais polos turísticos do mundo, com um número cada vez maior de haoles a chegarem, que viam os surfistas havaianos e a sua prática com uma curiosidade crescente. (Kampion & Brown, 1998)

Local surfers posed proudly and rode straight to shore. Tourists, amazed by the feats of the watermen, wanted to walk on water... (Borte, 2000)

Como consequência deste aumento de turistas, a construção de hotéis na zona aumenta desmesuradamente e começa a colocar em causa a própria praia, assim como as zonas onde os surfistas se juntavam e guardavam as suas pranchas. É nesta altura que Alexander Hume Ford, aventureiro e negociante, Jack London, romancista consagrado e George Freeth, desportista local, travam conhecimento. O fascínio de Ford relativamente à paixão que os outros dois têm para com o surf e a sua cultura, leva-o a criar o primeiro clube do

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

mundo deste desporto, o Outrigger Canoe and Surfboard Club (Kampion & Brown, 1998), o que acontece em 1908, com a finalidade de reviver, preservar e promover os ancestrais desportos havaianos de “surf” em pranchas e canoas. (Warshaw, 2013a).

A vertente turística de valorização económica do surf, estava muito marcada na comunicação feita pelo clube, nomeadamente na imprensa escrita, tendo isso, sido fundamental para o efeito galvanizante que o surf e a canoagem obtiveram.

The tourist is enabled to enjoy the benefits of the club either by becoming a member or by invitation, and the good times enjoyed in the Waikiki surf will linger long in his memory and will be recounted to his friends on his return to the mainland or wherever his destination may be. (Ford, 1909)

Em 1915, o Outrigger Canoe Clube, tinha mil e duzentos membros, com centenas em lista de espera (Kampion & Brown, 1998), sendo que hoje tem mais de quatro mil. (The Outrigger Canoe Club Story, s.d.)

The club which was first thought of by the much traveled Ford, is in a flourishing conditions, and every afternoon a big bunch of swimmers and canoe and surf board riders is in evidence. (Outrigger Club is Flourishing, 1909)

Três anos depois da criação do Outrigger Canoe Clube, em 1911, um outro grupo de surfistas, onde se incluía Duke Kahanamoku, fundou o Hui Nalu. Os seus membros eram predominantemente havaianos, ao contrário do anterior, que era uma organização quase estritamente haole (Kampion & Brown, 1998).

Por conseguinte, tal facto permitiu que os indígenas voltassem a ter o seu lugar na praia. Subsistem no entanto algumas divergências quanto ao ano exato da sua fundação, havendo referências que este clube teve a sua origem em 1905, como um pequeno grupo solto de surfistas locais, e posteriormente em 1911 oficialmente criado (Surf Clubs, s.d.), no entanto o próprio clube refere que o seu ano de fundação foi 1908. (HNAdmin, s.d.)

Estes dois clubes, e os seus fundadores foram fundamentais para o renascimento do surf, e a sua saudável rivalidade, proporcionou o começo da recuperação do status deste desporto como uma importante parte da cultura havaiana (Finney & Houston, 1996).

Os artigos de Ford na imprensa, e depois a descrição feita por London, romancista muito conceituado na altura, da sua experiência de surf, primeiro, num artigo na Woman's Home Companion Magazine (Kampion & Brown, 1998), e mais tarde incluído no livro The Cruise of the Snark, onde lhe dedicou um capítulo inteiro denominado Royal Sport, deram a conhecer ao mundo o “royal sport for the natural kings of earth”. (Warshaw, 2013b)

That is what it is, a royal sport for the natural kings of earth. (...) I shall never forget the first big wave I caught out there in the deep water. (London, 1911)

A expansão interna do surf dá-se inicialmente de forma lenta. Nos anos vinte do século dezanove, este, estava confinado a Waikiki, sendo raro a sua prática fora desta zona. De facto, tal, só aconteceu na década seguinte, tanto para outros locais da ilha, como para outras ilhas, nomeadamente, Maui e Kaua'i. (Finney & Houston, 1996)

Noutro plano, um elemento de cada um destes clubes, George Freeth e Duke Kahanamoku, Outrigger Canoe Clube e Hui Nalu, respetivamente, foram responsáveis por inúmeras demonstrações de surf fora do arquipélago.

Freeth, considerado o melhor surfista de Waikiki, foi em 1907, contratado para fazer uma demonstração de surf na Califórnia, que coincidiu com o aparecimento do artigo de

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

London, resultando em milhares de pessoas a vê-lo apanhar ondas em Redondo Beach, South Bay. (Kampion & Brown, 1998) Tornou-se assim o primeiro surfista profissional do mundo, estabelecendo-se como o primeiro surfista radicado no Sul da Califórnia, com demonstrações desde Balboa Beach até Palos Verdes (Borte, s.d. a). Não foi no entanto o primeiro a fazer surf na Califórnia, pois em 1885, três jovens príncipes havaianos, Kuhio Kalaniana'ole e os seus dois irmãos David e Edward, sobrinhos dos monarcas havaianos Kapi'olani e Kalakaua, surfaram no Norte da Califórnia (Nendel, 2009), na Foz do rio San Lorenzo, em Santa Cruz, em pranchas feitas a partir de sequoias locais. (Kampion & Brown, 1998)

George Freeth radicou-se na Califórnia, tornando-se o primeiro salva-vidas oficial dos Estados Unidos da América, inventando inclusivamente um dispositivo de salvamento, usado ainda nos dias de hoje. (Borte, s.d. a) Estava dado o primeiro passo para esta nova subcultura. (Kampion & Brown, 1998)

Com o surf a ser cada vez mais popular no continente, o número de turistas a chegarem ao Havai, nomeadamente a Waikiki, não parava de aumentar, atingindo em meados de 1910 uma magnitude crítica, com dúzias de surfistas a povoarem as ondas, sendo os beach boys locais recrutados para ensinar os recém-chegados a surfar. Duke Kahanamoku, encontrava-se entre eles. (Kampion & Brown, 1998)

Growing up on the beach in Waikiki, Duke surfed with his brothers and entertained tourists with tandem rides. (Borte, s.d. b)

Nascido em 1890, Duke Kahanamoku acabaria por se transformar num desportista fenomenal (Kampion & Brown, 1998), tendo sido campeão olímpico de natação, em 1912 e 1920, nos jogos realizados em Estocolmo e Antuérpia, respetivamente, para além de medalhas de prata, nomeadamente nos jogos de Paris em 1924 (Warshaw, 2013c), o que lhe granjeou enorme fama e respeito. (Borte, s.d. b)

Esta sua popularidade permitiu-lhe viajar, e em 1912, ao voltar dos Jogos Olímpicos, trouxe o surf para a costa leste dos Estados Unidos com demonstrações em Atlantic City, no estado de New Jersey, para nos finais de 1914, princípios de 1915, o ter introduzido na Austrália e Nova Zelândia, com

demonstrações que atraíram milhares de pessoas à praia. Até à década de trinta ajudou a popularizar o surf no sul da Califórnia. (Warshaw, 2013c)

In 1914 he showed up in Freshwater Beach, Australia, and shocked onlookers with his waveriding demonstrations. On a board he crafted from a local sugar pine, he easily navigated overhead surf to the crowd's amazement. He took a young woman, Isobel Latham, for a tandem ride and made her the country's first surfer. (Borte, s.d. b)

No seguimento, em 1920, Duke Kahanamoku pediu ao Comité Olímpico Internacional, a inclusão do surf nos Jogos Olímpicos. (Aguerre, s.d. a). Neste mesmo ano, regressando das Olimpíadas de Antuérpia, Duke passa por Detroit, onde conhece um jovem de Wisconsin, Tom Blake, que de tão impressionado que fica com a história de Duke e dos desportos náuticos havaianos, decide em 1924 mudar-se para o Havai (Kampion & Brown, 1998), onde constrói em 1926 a primeira prancha oca denominada hollow, muito mais leve que as tradicionais pranchas havaianas, que patenteia em 1930, depois de as levar para o continente em 1928 (Kampion, s.d.).

Se Duke Kahanamoku é referido hoje em dia como o pai do surf moderno (Kampion & Brown, 1998), sendo considerado em 1999 pela Surfer Magazine, a bíblia deste desporto

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

(Kampion, s.d.), o surfista mais influente do século (Borte, s.d. b), levando grupos de novos entusiastas a aderir a esta prática sempre que mostrava à assistência como andar sobre a água (Kampion & Brown, 1998), Tom Blake, é considerado o primeiro surfista moderno (Kampion, s.d.).

Esta cumplicidade entre Duke e Blake, foi fundamental para o desenvolvimento da modalidade no início do século vinte, dando assim início à grande revolução, pois permitiu tornar o surf acessível a um maior número de pessoas. De repente tudo era possível. (Kampion & Brown, 1998).

O surf florescia, e inspirados por Freeth e Duke, e pelas revolucionárias pranchas ocas de Blake, que facilitavam o surf, o número de praticantes aumentou durante os anos vinte e trinta. A chegada da grande depressão (década de 30) ajudou, pois umas das poucas coisas que os miúdos sem dinheiro podiam fazer era ir para a praia. Um dos expoentes máximos desta nova cultura de praia foi San Onofre, no Rancho Santa Margarida, Sul da Califórnia, sendo considerado em meados dos anos trinta o local de surf mais famoso a sul da península de Palos Verdes. (Kampion & Brown, 1998)

Num dia quente de Verão, a praia isolada, com a sua ondulação e cabana de colmo, era uma Waikiki continental. Os surfistas que a frequentavam, por vezes acampando lá durante semanas, criaram a sua própria cultura. (...) Seguiu-se uma idade de ouro neopolinésia anterior à guerra e o grande sonho era viajar até ao Havai, terra de Freeth e Duke. (Kampion & Brown, 1998)

Entretanto seria descoberto um novo local a norte de Los Angeles, Malibu. Se San Onofre celebrava as raízes havaianas do surf, Malibu, tão próximo de Hollywood, sofre a sua influência, e passa a ser o palco de uma mística baseada no atrativo comercial em massa do surf, com o surgimento das primeiras lojas, revistas, músicas e filmes de surf. (Kampion & Brown, 1998)

A Segunda Guerra Mundial interrompeu esta expansão (Finney & Houston, 1996). No entanto depois da guerra a Califórnia encontrava-se em crescimento, e a comunidade surfista acompanhou essa evolução tendo passado para uns cinco mil surfistas, divididos por pequenas colónias locais ao longo da costa, nomeadamente Huntington Beach, Malibu, Santa Cruz e San Onofre. (Young, 1998)

Em 1951 Hugh Bradner inicia o desenvolvimento dos fatos isotérmicos de neoprene, que posteriormente Jack O'Neill adapta ao surf (Warshaw, 2010). Tal permitiu que se pudesse praticar surf em qualquer lugar do mundo e em qualquer altura do ano (Kampion & Marcus, 2009).

Em meados dos anos cinquenta, o governo americano patrocina a ida de uma delegação dos seus melhores surfistas à Austrália, coincidindo com os Jogos Olímpicos de 1956 em Melbourne. Fizeram exposições em festivais por toda a costa Este da Austrália, com um efeito extraordinário na comunidade australiana. (Kampion & Brown, 1998)

Todos os surfistas australianos que viram os americanos tinham simplesmente que ter uma prancha Malibu. (...) ... faziam-se perguntas urgentes sobre os construtores de pranchas da Califórnia e os primeiros fabricantes australianos de pranchas preparavam-se par o negócio. (Kampion & Brown, 1998)

A Austrália passa a ser a par da Califórnia e Havai um importantíssimo pólo de dinamização do surf, cujo interesse e troca de experiências é crescente. Quase em simultâneo um vendedor da Reichold Plastics apresenta um novo produto a Hobie Altar

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

(Hobie Surfboards), a espuma de poliuretano, material desenvolvido durante a segunda Guerra Mundial (Warshaw, 2010), que iria revolucionar o fabrico de pranchas de surf até aos dias de hoje.

Em 1959 a Columbia Pictures lançou o filme *Gidget*, baseado no romance de Frederick “Fritz” Kohner, que narrava a história romântica de um grupo de jovens, rebeldes, de espírito livre, que tinham como único objetivo de vida, viver, amar e surfar na praia. Este filme atingiu o jovem público americano de tal forma que a explosão da cultura do surf foi enorme (Kampion & Brown, 1998). O imaginário do surf estava criado.

Todos estes fatores contribuíram para que na década de sessenta o surf e a sua cultura sofressem de ampla consciencialização por todo o mundo (Kampion & Brown, 1998), com o primeiro campeonato do mundo a acontecer em 1964 na praia de Manly, Sydney, Austrália, com cerca de 65.000 pessoas na praia a assistir (Young, 1998). Durante esta competição é criada a primeira organização com o objetivo de regulamentar e desenvolver o surf, a International Surfing Federation (ISF), mais tarde renomeada para International Surfing Association (ISA) (ISA, 2014) reconhecida a nível mundial como organismo responsável pelo surf amador, e hoje reconhecida pelo Comité Olímpico Internacional (COI) (Aguerre, s.d. a).

As décadas seguintes são de expansão a nível organizativo e de avanço tecnológico. Em 1970 foi inventado um acessório que liga a prancha ao pé do surfista, o leash (Warshaw, 2010). Este é um enorme avanço relativamente à segurança na prática do surf (Marcus, s.d.), para em 1976 ter sido criada a International Professional Surfers (IPS), que em 1983 é substituída pela actual Association of Surfing Professionals (ASP) (Borte, s.d. c) organização ainda hoje responsável pela componente competitiva da modalidade ao nível profissional. No entanto foi ainda na década de setenta que decorreram as primeiras surftrips, viagens, que se baseiam na máxima do surf, encontrar a onda perfeita (Zucco, Mesquita, & Pilla, 2002), o surfari, ou procura do surf não descoberto ou não povoado, tornou-se a essência da experiência do surf (Kampion & Brown, 1998), abrindo assim uma nova vertente a este fenómeno, o turismo de surf:

The act of people travelling to either domestic locations for a period of time not exceeding 6 months, or international locations for a period of time not exceeding 12 months, who stay at least one night, and where the active participation in the sport of surfing, where the surfer relies on the power of the wave for forward momentum, is the primary motivation for destination selection. (Dolnicar & Fluker, 2003a)

Os anos oitenta viram o surf viver um segundo boom na sua história, com uma indústria extremamente rentável à escala mundial (Warshaw, 2010). A cultura do surf era um negócio importante e os capitalistas avançaram (Kampion & Brown, 1998), e em 1989 foi criada a Surf Industry Manufacturers Association (SIMA) (Warshaw, 2013d).

Surfing was becoming big business. So many people all over the world had taken up the sport that it had begun to attract advertisers, manufacturers, sponsors, franchise, publicists and, finally, the professional surfer. (Young, 1998)

A última década do século passado serviu para a reorganização profunda do modelo competitivo do circuito mundial (Moreira, 2007), que passou a integrar dois circuitos distintos, um principal, o World Championship Tour (WCT), onde apenas estão os trinta e seis melhores surfistas, e outro, o World Qualifying Series (WQS), que apura os melhores dez atletas para o primeiro, num ranking unificado a partir do décimo segundo posto do

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

WCT. (ASP, 2014). O nível de organização e consequente divulgação mediática alcançados, elevaram a um patamar superior as premiações, de 28 dólares pela melhor onda

no Bells Beach Classic em 1962 (Kampion & Brown, 1998), para uns impressionantes 100.000 dólares em 2014 (ASP, 2014), o que potenciou o aparecimento emergente de estrelas à condição planetária no surf, como até então nunca se tinha visto. Exemplo disso é o caso de Kelly Slater, onze vezes campeão mundial, figura de destaque incontornável, e cujo seu aparecimento e evolução veio alterar por completo o conceito de surfista profissional (Borte, s.d. d).

A entrada no novo milénio potência ainda mais esta nova faceta mediático-milionária do surf, com a era digital e o advento da internet a ganharem espaço, onde o acesso à informação, desde campeonatos em direto, até informação sobre atletas, passando por câmaras localizadas nas praias para observar as condições, está ao alcance de um simples clique. (Warshaw, 2010)

Dados de 2006 estimam cerca de 23 milhões de surfistas no mundo inteiro (Bicudo & Horta, 2009), que no entanto subiram para uns impressionantes 35 milhões (Aguerre, s.d. b; WNWTO, 2014), dos quais 300.000 no Reino Unido, 300.000 em França e 180.000 em Espanha. (EuroSIMA, 2012)

Atualmente, considera-se que o desafio neste novo milénio assenta nas piscinas de ondas, inicialmente desenvolvidas na década de 90 (Warshaw, 2010), e que irão permitir que o surf seja praticado em regiões interiores, onde o mar não existe, democratizando assim a sua prática a um nível global. (Aguerre, s.d. a)

SURF EM PORTUGAL

O surf em Portugal não surge de um momento para o outro, tendo havido um crescimento gradual, muito lento e de forma descontínua. A forma que hoje conhecemos remonta aos meados dos anos setenta. (Rocha J. , 2008)

O primeiro registo conhecido da prática de algum tipo de desporto nas ondas em toda a Europa, é precisamente em Portugal, remetendo-nos para o longínquo ano de 1926 (Surfertoday, 2014). Este é evidenciado, num documentário produzido pelos Serviços Cinematográficos do Exército Português em 1927, onde aparecem um grupo de homens, na Praia dos Ingleses (Leça da Palmeira), praticando bellyboard, a versão original do bodyboard. Seriam provavelmente indivíduos pertencentes à comunidade britânica, historicamente com raízes na zona do Porto. (Macdonald, 2012)

O excerto é composto por três cenas em que se vêem cerca de 12 indivíduos entrando na água com o que parece ser uma “alaia”, um tipo primitivo de prancha de surf, e depois surfando até ao areal, deitados sobre as pranchas. (Macdonald, 2012)

Depois desta data, só em 1945, Pedro Martins de Lima, considerado o pai do surf português (Pereirinha, 2013), ou pelo menos o primeiro português a praticar surf (Macdonald, 2012), trava o primeiro contacto com esta realidade, através de uma revista, vendo fotos de Duke Kahanamoku surfando no Havai. Em 1946, um ano depois, quando vai viver para Carcavelos é que passa verdadeiramente à ação, primeiro a fazer bodysurf, com apoio de umas barbatanas, e no ano seguinte, por altura das marés vivas com umas placas de cortiça. Este registo leva-nos, ao que podemos associar hoje como sendo o

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

bodyboard. No seguimento, e para solucionar a questão do frio, em 1952, Pedro Martins de Lima auxilia-se na sua prática com um fato de caça submarina em borracha de câmara-de-ar. (Lima, 2008)

Se Pedro Martins de Lima tomou contacto com o surf nos Açores, António Gil da Costa Lopes fê-lo na Madeira, também ele a partir de revistas norte-americanas (Macdonald, 2012), para em 1955, já a viver em Santa Cruz, construir a que é considerada a primeira prancha de surf em Portugal (Vieira, 2012), a partir de uns planos encomendados a um fabricante norte-americano. (Pereira, 2012)

Os planos para montar a prancha custaram um dólar. Enviei o dinheiro pelo correio, e ainda demorei um mês até os receber. Depois levei cerca de seis meses a montar a prancha (comprar madeira de teca, serrar, isolar as peças com alcatrão, aparafusar e pintar), mas não foi nada complicado. Era só serrar pelas medidas certas dos planos. (Lopes, 2012)

Em 1956 Pedro Lima, descobre então numa firma de importação, uma prancha oca em contraplacado, completamente plana, sem rocker e sem fin, podendo finalmente tentar imitar Duke Kahanamoku como

tinha visto nas revistas. No entanto, os resultados não são os esperados, pois a prancha não era a ideal para a prática do surf, mas sim para remar em mar aberto. Só em 1959 consegue finalmente uma prancha de surf, com 10 pés de comprimento, 23 polegadas de largura e 16 kg de peso e com um fin, adequado aos seus intentos, que traz de Biarritz (Lima, 2010). Inicia-se assim, uma nova descoberta, a das praias “surfáveis”, assim como as desavenças com as autoridades marítimas, nomeadamente na zona de Lisboa, levando-o a aventurar-se mais a norte até à Ericeira e mais tarde percorrendo toda a costa portuguesa, de Valença a Sagres (Lima, 2008).

Em 1967 e 1968 tinha já alguns amigos portugueses que começaram a surfar comigo, e a encontrar ingleses e americanos que iniciavam a exploração das nossas ondas. (Lima, 2010)

O ano de 1967 regista a primeira referência do surf português na imprensa internacional, nomeadamente na revista americana Surfer, com uma reportagem sobre as ondas da grande Lisboa e zona Oeste (Harewood, 1967). A afluência de surfistas começa-se a notar, principalmente americanos e ingleses, o que proporciona a primeira matéria sobre surf na imprensa nacional. Esta consta da Revista “O Século Ilustrado”, de Outubro de 1969, onde o destaque vai para um australiano, na altura campeão do mundo, de seu nome Nat Young. (Lima, 2008)

Há no entanto entre eles um «rei», um pequeno «deus» do «surf» - o americano Nat Young -, considerado actualmente o melhor surfista em todo o Mundo. Nat é diferente dos outros. É um profissional. O «surf» é a sua ocupação total. A sua atitude perante este desporto, para ele uma profissão, é bem diferente de todos os restantes, alegres e entusiastas amadores. (Santos, 1969)

A revolução de 25 de Abril de 1974, foi um marco também no surf em Portugal, e um ponto de viragem (Rocha J. , 2008). Somente depois desta data Portugal descobriu verdadeiramente o surf (Leal & Cipriano, 2012), mudando radicalmente o paradigma da modalidade, até então bastante elitista, onde o cidadão comum não tinha acesso ao material de surf, quer pelo preço, quer até pela dificuldade na sua obtenção. Tal facto, contrasta com esta nova geração pós-revolução, que a partir essencialmente de 1976 sente

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

a alteração de hábitos, a abertura do país a novas ideias e a menor rigidez de costumes, permitindo a pouco e pouco a democratização da prática do surf. (Rocha J. , 2008)

Em 22 de Maio de 1977 realiza-se na praia de Ribeira d'Ilhas, Ericeira, o primeiro Campeonato Nacional de Surf, sob a égide da Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas (FPAS), que curiosamente não recebeu o apoio da Direcção-Geral dos Desportos, mas sim da Direcção-Geral de Turismo, para uns meses mais tarde, e na sequência deste apoio, agora também da Comissão de Turismo de Peniche, acontecer a 20 de Novembro, nessa localidade, o primeiro Torneio Internacional de Surf, que contou com a presença do Campeão Europeu, o britânico Bruce Palmer. (Rocha J. , 2008)

Decorreram nos passados dias 20 e 27 as provas do 1º Torneio Internacional de Surf de Peniche a que concorreu um razoável número de amantes da modalidade, quer nacionais quer estrangeiros, e onde, como era de esperar, nos foi dado assistir a exibições de grande nível, marcadas por desenhos de rara beleza. (Seara, 1977)

Em 1978, no segundo Campeonato Nacional de Surf, na Costa da Caparica, disputa-se pela primeira vez em Portugal uma prova para raparigas. Deste modo, estava assim, formalmente encetado o percurso do surf feminino em Portugal (Rocha J. , 2008). Ainda nesse mesmo ano, em S. Pedro do Estoril nasce o Surfing Clube de Portugal (SCP), o primeiro clube de surf português (Gavazzo, 2008), para no ano seguinte, no verão de 1979 surgir na Praia Grande do Guincho, a primeira escola de surf nacional (Rocha A. , 2008). Foi também em 1979 que em Hossegor, França, Portugal marcou pela primeira vez presença num Campeonato Europeu (Rocha J. , 2008).

Os anos oitenta ficam marcados pelo aparecimento da indústria, com as primeiras marcas e surfshops a surgirem, assim como a primeira revista nacional da especialidade, a Surf Portugal, em 1987 (Rocha J., 2008). O negócio do surf ganha pleno fôlego, e impulsiona a necessidade de institucionalização, que culmina com a criação da Federação Portuguesa de Surf (FPS), em 14 de Março de 1989 (Leal & Cipriano, 2012), para ainda nesse ano surgir o primeiro calendário de provas sob a sua orientação

(Afonso, 1989 b). É ainda nesse ano que Portugal recebe pela primeira vez uma etapa do Circuito Mundial de Surf, o Buondi Instinct Pro, na Ericeira (Santos, 1989). No entanto antes disso, em 1988, tinha já passado por Peniche aquela que foi a primeira etapa de um circuito internacional de surf em Portugal, o Rip Curl Pro-Am, no caso, a contar para o Circuito Europeu da EPSA (European Professional Surfing Association) (Afonso, 1989 a). Pela primeira vez um campeonato de alto nível competitivo chega às nossas praias. (...) O RIP CURL PRO-AM, prova a contar para o ranking (campeonato) europeu da actualidade... (Rip Curl, 1988)

A mediatização do surf em Portugal ganha forte ímpeto na década de noventa, com os primeiros programas televisivos especializados a surgirem quase em simultâneo em dois dos quatro canais existentes, a SIC com o Portugal Radical (Curvelo, 2014) e o Sem Limites na RTP (RTP, s.d.), bem como a realização do primeiro Circuito Pro-Am oficial da FPS em 1992 (Santos, 1992). Os primeiros títulos a nível internacional surgem também durante esta década, o EUROJUNIOR em 1996 e o EUROSURF EM 1997 (Braga, 2013). A 9 de Julho de 1997, é fundada a Associação Nacional de Surfistas (ANS), associação sem fins lucrativos com o intuito de defender os direitos dos praticantes de surf com aspirações profissionais na modalidade (ANS, s.d.).

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

A entrada no novo milénio consolidou a tendência de crescimento e profissionalização das décadas anteriores, e em 14 de Janeiro de 2002, antecipando a Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto (Lei nº 5/2007 de 16 de Janeiro de 2007), a FPS delega na ANS o surf profissional, nomeadamente a organização do Campeonato Nacional de Surf, individual, para profissionais, a que acrescentou em 2005 o Campeonato Nacional de Surf Sub-20 (vulgo Pro Junior, CNPJ), tendo em 2010 criado a marca LIGAPROSURF (ANS, s.d.).

Em 2007, Tiago Pires cumpre um feito histórico para o surf português, ao tornar-se o primeiro, e até agora, único, surfista nacional, a fazer parte do restrito grupo que compete no WCT, a elite do surf mundial (Lucas, 2007).

O circuito mundial regressa a Portugal em 2009, no caso, com o Rip Curl Pro Search, em Peniche, ainda como etapa móvel, para no ano seguinte passar a integrar efetivamente o calendário mundial como prova fixa, renomeada para Rip Curl Pro Portugal, e que se mantém até aos dias de hoje.

O surf ganha uma dimensão nunca antes vista, e os cerca de mil surfistas estimados em 1989 (Afonso, 1989 b), passam a ser passadas duas décadas, entre cinquenta e setenta mil (Bicudo & Horta, 2009), para neste momento se situarem, segundo a ANS, na casa dos duzentos mil (Guerra, 2014). Relativamente aos atletas federados deu-se também um incremento significativo, e passou-se de 400 em 1992 (Stuart, 1992) para os atuais 1147, repartidos por 74 (FPS, 2014)

Em 2011, Portugal vence pela quarta vez o EUROSURF, e merece um voto de saudação por parte da Assembleia da República (AR), como um acontecimento de grande relevo para a história do surf e do desporto português (AR, 2011). A Ericeira, é reconhecida pela organização americana Save the Waves Coalition (SWC) como Reserva Mundial de Surf (RMS), a segunda no mundo e a primeira da Europa (Fugas, 2011). Ainda em 2011, Novembro, Garrett MacNamara bate o recorde da maior onda surfada (NQ, s.d.), feito realizado na Praia do Norte, Nazaré, vencendo o Billabong XXL Award na categoria de maior onda (NQ, 2012). Um ano depois, a 9 de Outubro de 2012, é inaugurado em Peniche o primeiro Centro de Alto Rendimento (CAR) de Surf em Portugal, vocacionado para o treino e aperfeiçoamento técnico de seleções, equipas, atletas de elite e de alta competição (CMP, 2012).

NOTA FINAL

A dimensão avassaladora, quer em termos de mediatização, quer em termos da importância e impacto que o surf assumiu na economia das sociedades em geral, e na portuguesa em particular, leva-nos a crer que o conhecimento histórico da modalidade é de extrema importância numa perspetiva de enquadramento, para a partir daí elevarmos qualitativamente a nossa oferta, seja no discurso a ter para com o turista, na decoração do alojamento, na explicação das técnicas utilizadas para apanhar e surfar uma onda, como até sobre as próprias pranchas utilizadas.

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, G. (Ed.). (Março/Abril de 1989 a). Rip Curl Pro-Am 1988. Revista Surf Magazine, nº 8.
- Afonso, G. (Ed.). (Junho/Julho de 1989 b). Federação Portuguesa de Surf. Revista Surf Magazine, nº 9.
- Aguerre, F. (s.d. a). Statement from the ISA President. Obtido em 18 de Junho de 2014, de International Surfing Association: <http://www.isasurf.org/olympic-surfing/general-information-olympic-surfing/>
- Aguerre, F. (s.d. b). 50th Anniversary ISA President's Message. Obtido em 3 de Julho de 2014, de International Surfing Association: <http://www.isasurf.org/isa-info/presidents-message/>
- ANS. (s.d.). Historial. Obtido em 11 de Julho de 2014, de Associação Nacional de Surfistas: http://www.ansurfistas.com/sn_historical.php
- AR. (6 de Outubro de 2011). Voto de Saudação nº 20/XII. À Selecção Nacional de Surf. Obtido em 8 de Novembro de 2011
- ASP. (2014). ASP Rule Book 2014. Santa Mónica, USA: LLC, Association of Surfing Professionals. Obtido em 2 de Julho de 2014, de http://www.aspworldtour.com/assets/2014_ASP_Rule_Book_23-4-14.pdf
- Bicudo, P., & Horta, A. (2009). Integrating Surfing in the Socio-economic and Morphology and Coastal Dynamic Impacts of the Environmental Evaluation of Coastal Projects. Journal of Coastal Research. Obtido em 11 de Julho de 2011
- Borte, J. (Dezembro de 2000). Surfing A to Z: Waikiki. Obtido em 29 de Abril de 2014, de Surfline: http://www.surfline.com/surfing-a-to-z/waikiki-history_939/
- Borte, J. (s.d. a). Surfing A to Z: George Freeth. Obtido em 30 de Abril de 2014, de Surfline: http://www.surfline.com/surfing-a-to-z/george-freeth-biography-and-photos_811/
- Borte, J. (s.d. b). Surfing A to Z: Duke Kahanamoku. Obtido em 30 de Abril de 2014, de Surfline: http://www.surfline.com/surfing-a-to-z/duke-kahanamoku-biography-and-photos_839/
- Borte, J. (s.d. c). Surfing A to Z: Association of Surfing Professionals. Obtido em 1 de Julho de 2014, de Surfline: http://www.surfline.com/surfing-a-to-z/association-of-surfing-professionals-asp-history_749/
- Borte, J. (s.d. d). Surfing A to Z: Kelly Slater. Obtido em 2 de Julho de 2014, de Surfline: http://www.surfline.com/surfing-a-to-z/kelly-slater-biography-and-photos_909/
- Braga, J. (26 de Novembro de 2013). Saio com um sentimento de dever cumprido. Revista Surf Portugal On-line. (D. Alpendre, Entrevistador) Obtido em 11 de Julho de 2014, de <http://www.surfportugal.pt/blog-surf-portugal/3496-jose-manuel-braga-qsao-com-um-sentimento-de-dever-cumpridoq>

The produced texts are of each author responsibility.

Os textos são da responsabilidade de cada autor.

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

- Butts, S. (2001). Good to the last Drop: Understanding Surfers' motivations. *Sociology of Sport Online*. Obtido em 23 de Janeiro de 2012, de <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v4i1/v4i1butt.htm?iframe=true&with=100%&height=100%>
- CMP. (5 de Outubro de 2012). Município de Peniche Inaugura o primeiro Centro de Alto Rendimento de Surf. Obtido em 6 de Outubro de 2012, de Município de Peniche: <http://www.cmpeniche.pt/News/NewsDetail.aspx?news=c3903204-554f-4f2f-90dd-fb47c2ef0335>
- Holt, R. (2012). *Cape Crusaders : An Ethnography Investigating the Surfing Subculture of Cape Naturaliste, Western Australia*. Edith Cowan University, Faculty of Regional Professional Studies. Perth: A thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy.
- ISA. (2014). 50th Anniversary ISA History. Obtido em 30 de Junho de 2014, de International Surfing Association: <http://www.isasurf.org/isa-info/history-of-the-isa/>
- Kampion, D. (s.d.). Surfing A to Z: Surfer Magazine. Obtido em 08 de Maio de 2014, de Surfline: http://www.surflines.com/surfing-a-to-z/surfer-magazine-history_918/
- Kampion, D. (s.d.). Surfing A to Z: Tom Blake. Obtido em 18 de Junho de 2014, de Surfline: http://www.surflines.com/surfing-a-to-z/tom-blake-biography-and-photos_760/
- Kampion, D., & Brown, B. (1998). *Stoked: Uma História da Cultura do Surf*. Los Angeles: Evergreen.
- Kampion, D., & Marcus, B. (2009). Surfing A to Z: Jack O'Neill. Obtido em 27 de Junho de 2014, de Surfline: http://www.surflines.com/surfing-a-to-z/jack-oneill-biography-and-photos_877/
- Leal, A., & Cipriano, F. (2012). *Portugal Surf Guide*. Lisboa: Uzina Books.
- Lima, P. (2008). O Surf em Portugal - No princípio do princípio. Em J. Rocha, *História do Surf em Portugal - As Origens*. Lisboa: Quimera Editores.
- Lima, P. (31 de Março de 2010). Em Entrevista - Pedro Lima: O surf pode ser um tubo de ensaio da própria vida". (M. Pires, Entrevistador) Obtido em 8 de Julho de 2014, de <https://www.surfingportugal.com/cms/index/view/id/1410>
- London, J. (1911). *The Cruise of the Snark*. Londres: Mills & Boon, Limited. Obtido em 30 de Abril de 2014, de <http://www.gutenberg.org/files/2512/2512-h/2512-h.htm#page82>
- Lopes, A. (Julho de 2012). Shape Room - A Primeira Prancha. *Revista Surf Portugal*, nº 234. (H. Pereira, Entrevistador)
- Lucas, C. (23 de Agosto de 2007). Das ondas da Ericeira até à elite mundial. Obtido em 14 de Julho de 2014, de *Diário de Notícias*: http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=663633
- Lueras, L. (1984). *Surfing: The Ultimate Pleasure*. Honolulu: Emphasis International.
- Macdonald, J. (1 de Outubro de 2012). Praia de Leça, 1927: os primeiros surfistas no país. Obtido em 2 de Outubro de 2012, de *UpMagazine - TAP Portugal*: http://upmagazine-tap.com/pt_updailys/praiadeleca-1927-os-primeiros-surfistas-no-pais/

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

- Marcus, B. (s.d.). Surfing A to Z: Surf Leashes. Obtido em 1 de Julho de 2014, de Surfline: http://www.surfline.com/surfing-a-to-z/surf-leashes-history_921/
- Moreira, M. (2007). Matriz de análise das tarefas desportivas. Sistema de classificação estrutural: Modelo taxinómico do surf. Tese para obtenção do grau de doutor em Motricidade Humana na especialidade de Ciências do Desporto, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.
- Moreira, M. (Janeiro de 2008). O que é o Surf? Revista FreeSurf Magazine, nº 1.
- Nendel, J. (2009). Surfing in Early Twentieth-Century Hawai'i: The Appropriation of a Transcendent Experience to Competitive American Sport. *The International Journal of the History of Sport*. Obtido em 11 de Novembro de 2014, de <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523360903457049#.VGI6fjSsV9I>
- NQ. (5 de Maio de 2012). McNamara vence Óscar da Maior Onda do Ano surfada na Nazaré. Obtido em 16 de Julho de 2014, de Nazaré Qualifica: http://www.nazarequalifica.pt/website/index.php?option=com_content&task=view&id=160&Itemid=35
- NQ. (s.d.). Onda da praia do Norte da Nazaré surfada por McNamara no Guinness. Obtido em 16 de Julho de 2014, de Nazaré Qualifica: http://www.nazarequalifica.pt/website/index.php?option=com_content&task=view&id=161&Itemid=35
- Outrigger Club is Flourishing. (18 de Agosto de 1909). *Evening Bulletin*, p. 9. Obtido em 30 de Abril de 2014, de <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn82016413/1909-08-18/ed-1/seq-7/>
- Pereira, H. (Julho de 2012). Shape Room - A Primeira Prancha. *Revista Surf Portugal*, nº 234.
- Pereirinha, T. (4 de Novembro de 2013). Os Primeiros Portugueses a Fazer Surf. Obtido em 4 de Novembro de 2013, de *Revista Sábado*: [http://www.sabado.pt/Multimedia/FOTOS/-span--b-Sociedade-b---span--\(1\)/Fotogaleria-\(1183\).aspx](http://www.sabado.pt/Multimedia/FOTOS/-span--b-Sociedade-b---span--(1)/Fotogaleria-(1183).aspx)
- Porto (Ed.). (s.d. a). Surf. Obtido em 25 de Julho de 2014, de Infopédia - Enciclopédia e Dicionários Porto Editora: http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/surf;jsessionid=KxzekFphyerI2N30nnuDZQ__
- Pukui, M., & Elbert, S. (1986). *Hawaiian Dictionary*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- Rip Curl. (13 de Setembro de 1988). Edital. (Organização, Ed.) Programa Rip Curl Pro-Am Peniche 88.
- Rocha, A. (2008). Escola de Surf. Em J. Rocha, *História do Surf em Portugal - As Origens*. Lisboa: Quimera Editores.
- Rocha, J. (2008). *História do Surf em Portugal - As Origens*. Lisboa: Quimera Editores.

The Book of Tourism Vs Heritage

International Point of View

- RTP. (s.d.). Sem Limites (RTP Memória) - Um programa muito radical... Obtido em 11 de Julho de 2014, de RTP: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p20430>
- Santos, F. (Outubro de 1969). "Surf" - Não é um novo ritmo é o desporto em voga. Revista Século Ilustrado. Obtido em 9 de Julho de 2014, de <http://lx60.blogspot.pt/2013/02/o-surf-chega-imprensa.html>
- Santos, J. (Outubro/Novembro de 1989). Rob Bain arranca com dor uma vitória chuvosa. Revista Surf Magazine, nº 11. Obtido de Publico.
- Santos, J. (Abril/Maio de 1992). Primavera acabou! Revista Surf Magazine, nº 20.
- Seara, A. (Ed.). (1 de Dezembro de 1977). 1º Torneio Internacional de Surf de Peniche. Jornal Voz do Mar. Obtido em 19 de Novembro de 2012
- SIAdmin. (s.d.). India Surf Spots. Obtido em 11 de Agosto de 2014, de Surfing India: <http://surfingindia.net/india-surf-spots>
- Silva, F., & Ramos, A. (2004). Dicionário do Surf - A língua das ondas. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: Cobra Carolina Edições.
- Souza, R. (2004). Boas Ondas. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Stuart, A. (Abril/Maio de 1992). Primavera acabou! Revista Surf Magazine, nº20. (J. Santos, Entrevistador)
-

25. Identity and Memory - Village Tourism in Bemposta

Maria Inês Ferreira Fernandes Pereira Ferrão, MS Student

Universidade Lusíada - Porto, Portugal

mariainesferrao@gmail.com

Alexandra Maria Barros Alves Chaves Silva Vidal Saraiva, PhD

Universidade Lusíada - Porto, CITAD, Portugal

saraivaalexandra@gmail.com; achaves@por.ulusiada.pt

Abstract: This article was drafted from a wider research that coincided with my master's thesis, held at Lusíada University of Porto, under the theme "Identidade e Memória - Turismo de Aldeia para Bemposta", guided by Professor Alexandra Maria Saraiva, in 2013|2014.

The aim of this paper is to investigate the importance that Memory and Human Heritage represent to the identity of places and how Man feels the need to seek the identity of its people, from which Man has been separated from.

The study developed sets base on an exploratory research method, culminating in a case study in Bemposta, a village located in a Portuguese municipality, Mogadouro.

This study is indicative to the widespread desire to return to the origins, and Tourism reveals to be positive in this search for the human nature and its roots, as long as linked to